

ETNOMÍDIA INDÍGENA: discurso e conflitos de representação do Covid-19 no Portal do CIR

INDIGENOUS ETHNOMEDIA: discourse and conflicts of representation of Covid-19 in the CIR's web portal

ETNOMEDIA INDÍGENA: discurso y conflictos de representación de Covid-19 en el portal CIR

Bryan Chrystian da Costa Araújo

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR). bryancaraujo@gmail.com

 0000-0001-7149-6881

Vilso Junior Santi

Professor-Investigador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR) vjrsanti@gmail.com

 0000-0003-0970-6459

Endereço de contato: AMAZOOM – Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe. Universidade Federal de Roraima. Campus Paricarana. Bloco I. Sala 160. CEP: 69310-000

Recebido em: 16.02.2020.
Aceito em: 20.03.2020.
Publicado em: 01.04.2020.

RESUMO:

A presente pesquisa reflete sobre as práticas etnomidiáticas levadas a cabo pelo portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR) durante a pandemia do Covid-19, a fim de entender como a organização constrói sentidos sobre a doença. Para isso, primeiro identificamos os princípios da Etnocomunicação Indígena, a partir de Baniwa (2012) e Tupinambá (2016), para depois empregar a conceituação de Representação de Hall (2003) e Soares (2007) e a Análise de Discurso de Pêcheux (1997) e Souza (2014) para examinar o corpus de estudo, constituído por 15 publicações textuais sobre o Covid-19, realizadas pelo CIR entre 21 de março e 21 de abril de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocomunicação; Etnomídia Indígena; Conselho Indígena de Roraima; Representações midiáticas; Covid-19.

Introdução

Em dezembro de 2019, os meios de comunicação do mundo começaram a divulgar alertas para o surgimento de uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida na cidade chinesa de Wuhan. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus, mais tarde oficialmente denominado Sars-Cov-2 (Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2), responsável pela doença Covid-19.

Nos meses subsequentes, os primeiros casos e mortes fora da China começaram a ser oficialmente registrados. Em pouco tempo, o número de óbitos começou a ser multiplicar levando países a fecharem suas fronteiras e a OMS (Organização Mundial de Saúde) a decretar estado de pandemia¹.

¹ Organização Mundial da Saúde classifica novo covid-19 como pandemia. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/organizacao-mundial-da-saude-classifica-novo-coronavirus-como-pandemia/>>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

Como medida para conter o avanço da doença, governantes de diferentes países decretaram o isolamento social dos cidadãos, fechando todas as escolas, comércios e empresas e proibindo a circulação de pessoas em espaços públicos. Nesse cenário, poucos setores da sociedade continuaram a funcionar, dentre eles a imprensa, considerada um dos serviços essenciais na divulgação de informações relacionadas a doença e atuando na manutenção do isolamento social.

Em Roraima, os dois primeiros casos de Covid-19 foram confirmados no dia 21 de março de 2020. No dia 9 de abril o vírus já havia feito sua primeira vítima indígena, um adolescente Yanomami de 15 anos² Conforme o IBGE, Roraima é o estado com proporcionalmente o maior número de habitantes autodeclarados indígenas do país, cerca de 11% da população³.

O expressivo contingente de moradores autodeclarados nativos no Estado nos fornece pistas valiosas acerca da importância das questões indígenas para a região e, conseqüentemente, da importância na promoção de estudos sobre os espaços culturais, sociais, políticos, científicos que contemplam a temática.

No presente estudo, tomamos o campo da mídia como o principal difusor de matrizes representacionais. A maneira como essas representações são realizadas contribuem para a organização dos agentes sociais e conseqüente atualização/manutenção das posições culturais, econômicas e políticas configuradas para as diversas coletividades (HALL, 2003; SOARES 2007). É neste contexto e na busca por novas ordens de visibilidade, que a etnomídia indígena emerge como ferramenta capaz de atualizar os sistemas de representação vigentes, assegurando aos povos indígenas o poder sobre sua própria voz e discursos (PÊCHEUX, 1997; SOUZA 2014).

Para a pesquisa, acionamos as práticas etnomidiáticas executadas pelo portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR), entre os dias 21 de março e 21 de abril de 2020, durante a pandemia do Covid-19, a fim de entender como a organização se dirige às suas comunidades, constrói sentidos sobre a doença (seu combate e prevenção) e posiciona tais representações no sistema local de produção de discursos.

² Índio yanomami de 15 anos morre em Roraima após 6 dias na UTI. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/04/10/morre-adolescente-yanomami-infectado-pelo-coronavirus-em-roraima.ghtml>>. Acesso em: 20 abril de 2020.

³ Distribuição Espacial da População Indígena. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/verso_mapa_web.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

A etnomídia e os princípios da etnocomunicação

Para refletirmos sobre as práticas etnomidiáticas levadas a cabo pelo portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR) durante a pandemia do Covid-19, precisamos, primeiro, considerar a essencialidade do trabalho da mídia como uma das frentes de combate a pandemia. E, nesse sentido, entender a urgência de se pensar a relação das comunidades indígenas com a comunicação midiática, junto com o papel representativo da etnomídia na construção desses discursos.

Roraima é o estado com proporcionalmente o maior quantitativo de habitantes autodeclarados indígenas do país. Porém, na região, o grande número de residentes nativos não significa maior ou melhor cobertura jornalística da grande mídia frente às questões indígenas. No cotidiano da mídia, em sua maioria, as representações da cultura e do cotidiano das populações indígenas são construções idealizadas por indivíduos e/ou organizações imersos em contextos socioculturais específicos e distintos daqueles vivenciados pelas comunidades.

A precisão dessas representações e sua relação com os representados está, portanto, sujeita a incertezas. Como explica Renata Machado Tupinambá, especialista em etnomídia, roteirista, palestrante, jornalista, produtora e cofundadora da Rádio Yandê⁴, no jornal online Brasil de Fato:

O imaginário popular ficou congelado na crença de um indivíduo conhecido pelo nome genérico de “índio”, definido assim pelo colonizador a partir de 1500. Contudo, a realidade contemporânea dos povos originários nestes longos anos do processo de colonização é outra.⁵

Nessa matriz, a disputa discursiva e os significados possíveis contidos nos discursos circulantes moldam não somente a construção de um imaginário social, mas, também, a construção de sistemas de representação acerca dos Povos Indígenas. É neste cenário, neste campo de batalha discursiva, que as práticas etnomidiáticas indígenas emergem e se consolidam – filosoficamente orientadas, geograficamente localizadas e politicamente úteis (ARAÚJO e SANTI, 2019).

⁴ A Rádio Yandê é uma webrádio indígena brasileira produzida e veiculada exclusivamente por sujeitos comunicacionais indígenas. Com sede no Rio de Janeiro, a Yandê iniciou seu streaming no dia 11 de novembro de 2013 com o objetivo de difundir a cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da internet. Disponível em: <<https://radioyande.com/>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

⁵ Etnomídia, uma ferramenta para comunicação dos povos originários (BRASIL DE FATO, 2016). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Essas práticas midiáticas híbridas surgem a partir de um processo de mediação, no qual diversos campos da sociedade, incluindo aqui os campos étnicos e os movimentos sociais, se apropriam das linguagens e lógicas da mídia (VERÓN, 1997; FAUSTO NETO, 2006).

De acordo com Renata Tupinambá (2016), em um cenário de violência e disputas por terra, a apropriação das ferramentas digitais de comunicação possibilitou aos nativos serem seus próprios interlocutores, permitindo que estes façam ouvir sua voz e defendam-se, provando com isso que a tradição e modernidade podem ser aliadas na preservação de suas culturas e povos.

A partir dessas considerações, a jornalista conceitua Etnomídia como “uma ferramenta de empoderamento cultural e étnico, por meio da convergência de várias mídias dentro de uma visão etno. Por isso o uso deste prefixo”, justifica (TUPINAMBÁ, 2016)⁶.

Já Denilson Baniwa, também um dos fundadores da Rádio Yandê, em entrevista para a página do XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros - ECTCV15, perguntado sobre a cobertura jornalística da grande mídia frente às questões indígenas, respondeu: “A grande mídia, por ser de massa, não está interessada em criar debates nem provocações na sociedade, então ela só mostra o que lhe dá dinheiro e apoio para continuar alimentando sua máquina”⁷.

As ponderações de Denilson Baniwa e Renata Tupinambá evidenciam as possibilidades de os povos indígenas buscarem seu protagonismo negado através dos meios de comunicação alternativa, processos estes que partem da apropriação e reapropriação das lógicas e ferramentas do campo midiático. A etnomídia surge, assim, como uma alternativa para a expressão da identidade étnica e autonomia política e social dos povos indígenas.

O uso dessa forma de comunicação pelo movimento indígena pode ser caracterizado como um modo de expressão alternativo-popular que reconfigura as ferramentas midiáticas às necessidades e interesses de sua coletividade. Ao definir etnomídia, Denilson Baniwa (2012) se aproxima dos conceitos de comunicação alternativa estudados por Peruzzo (2006), ao afirmar que:

⁶ Cf. nota de rodapé 5.

⁷ Denilson Baniwa será destaque no XVI ECTCV (BARCELOSNET, 2016). Disponível em: <<https://barcelosnet.com/denilsonbaniwa-sera-destaque-no-xvi-encontro-de-culturas-tradicionais-da-chapada-dos-veadeiros/>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Etnomídia é o contrário de mídia de massa. Enquanto os meios de comunicação de massa, a indústria cultural, definidos pela Escola de Frankfurt, são voltados a deixar o conteúdo padronizado, acessível e entendível a todos, a etnomídia é dirigida a um público específico e com características mutáveis a cada cultura.⁸

Baniwa (2012) aponta ainda que, ao fenômeno relacionado ao surgimento de diversas plataformas que enfocam a etnicidade na produção de conteúdo, dá-se o nome de “etnocomunicação”, e lembra que nessa construção cada povo estabelece seus formatos próprios para atender suas necessidades.

No Brasil, algumas das iniciativas mais relevantes são: a Rádio Yandê, o site Índio Online e o portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR), ferramentas que atuam para fortalecer e dar visibilidade às lutas e identidades dos povos indígenas, como “espaço de afirmação de identidades étnicas” (EURICH, 2010, p.497).

Na busca por novos regimes de visibilidade, a etnomídia indígena conjuga processos socioculturais e aspirações políticas em uma configuração comunicacional específica – a fim de projetar o indígena para além das sociedades anteriores, posteriores ou exteriores – causando desconforto.

Para tanto, ela se utiliza da etnicidade como componente essencial; da territorialidade como elemento regulador; e do reconhecimento como fim (primeiro e último) (ARAÚJO e SANTI, 2019). Aí, a partir dos processos de etnogêneses, os povos indígenas se apropriam das ferramentas midiáticas para construir e evidenciar sua existência e a existência do seu movimento étnico social, já sintonizados com esse novo formato de sociabilidade instituído pelo campo da mídia (BARTOLOMÉ, 2006).

As ferramentas étnicas de mídia, assim como a etnocomunicação indígena, apresentam-se então como alicerce do processo de construção não só de uma identidade, mas de uma matriz de identificação compartilhada, baseada em tradições culturais preexistentes ou (re)construídas – fundamentais para sustentar as ações coletivas hoje.

Conforme Araújo e Santi (2019), a comunicação praticada pelo Movimento dos Povos Indígenas – filosoficamente orientada, geograficamente localizada e politicamente útil – serve, portanto, para o estabelecimento de um novo indivíduo, disposto a demonstrar-se como índio e ser reconhecido como tal.

Essa comunicação caminha no sentido contrário aos movimentos de aculturação e trata da atualização das filiações étnicas, às quais seus portadores muitas vezes tinham

⁸ Cf. nota de rodapé 5.

sido obrigados a renunciar. Trata, portanto, dos novos regimes de visibilidade política do sujeito indígena e dos seus movimentos na sociedade (EURICH, 2010).

A etnocomunicação surge então para os povos indígenas como necessidade e oportunidade de se trabalhar a comunicação de uma forma alternativa, não estereotipada e que represente de maneira adequada a cultura, as políticas sociais e a identidade de seu povo diante das novas formas de organização da sociedade. Surge como mecanismo que pode garantir acesso a comunicação para um grupo historicamente deslocado do contexto hegemônico da mídia convencional (OLIVEIRA, 2014, p.19).

As representações e a comunicação midiática

Na primeira seção do trabalho, discutimos a etnomídia indígena à sombra dos movimentos de apropriação das ferramentas digitais e da lógica midiática, pelo Conselho Indígena de Roraima, como tentativa de atualizar a representatividade e as representações das comunidades indígenas no tecido social.

Consideramos que estas iniciativas estão em acordo com um modelo de sociabilidade no qual diversos atores sociais, inclusive os Povos Indígenas, buscam administrar seu espaço na mídia na tentativa de requalificar sua existência entre os campos sociais. Nestas tentativas, diferentes concepções sob uma mesma realidade se estruturam.

Neste palco se reforça a ação dos aparatos midiáticos e sua incidência nas formas de organização da sociedade, que encontra na representação sua centralidade. E, é nesse cenário de imprescindíveis negociações de significados e de diálogo entre os sentidos, que os conflitos de representação surgem (SANTI, 2009).

Soares (2007) explica que o conceito de representação possui uma larga presença na história, sendo estudado em diversas disciplinas das ciências humanas sociais e se tornando cada vez mais presente nos estudos de Comunicação. Conforme ele, essa amplitude de estudos se deve ao fato de que todas as ações humanas são possíveis de apuração apoiadas nesse conceito.

Soares (2007, p. 47-48) destaca quatro enquadramentos distintos para a compreensão do conceito: "a) representação mental; b) determinantes sociais das representações; c) representações mediáticas; e, d) representação distribuída". Na presente pesquisa, acionaremos, no entanto, somente o enquadramento referente às "representações mediáticas".

Nas "representações mediáticas" os sentidos se manifestam "de forma tácita, como vestígios ou traços implícitos em narrativas do jornalismo, da ficção, da

publicidade e da propaganda” (SOARES, 2007, p. 50). Nessa perspectiva, as ferramentas midiáticas são a concretização tecnológica das representações em seu sentido emblemático.

A semelhança entre a representação e o representado concede caráter afirmativo, homologando certas formas e oferecendo naturalidade a certos modos de ler a sociedade. Para Soares (2007, p. 51), esse é um processo que auxilia a “fixar ou a confirmar estereótipos étnicos, sociais, de gênero ou profissionais”. Representar aqui é, porém, trabalho de mão dupla, onde atuam tanto a mídia quanto o público.

Com a extensa inscrição dos atores sociais no campo midiático, não há como discordar de que as “representações mediáticas” são as mais abundantes e importantes no estudo do comunicacional. Essas representações surgem em contextos discursivos assumindo formas habituais, com ideologias que por vezes não estão muito claras, mas que ajudam a instituir padrões.

Hall (2003), no entanto, define as representações como processos de atribuição de sentido organizadas para designar construtos culturais e sociais. Por esse ângulo, as representações midiáticas soam como “encenações”, com natureza já definida e com papéis que normalizam certos padrões. A mídia se configura, nessa acepção, como ferramenta para transpor perspectivas e padrões representacionais (SANTI, 2009, p. 155).

De acordo com Hall (2003, p.170), devemos compreender que os sistemas de representação são plurais, presentes em diversas formações sociais, já que “as ideologias não operam através de ideias isoladas; mas em cadeias discursivas, agrupamentos, campos semânticos e Formações Discursivas”.

Conforme Hall (2003), é através desses distintos sistemas de representação que os humanos experimentam o mundo e dão sentido às suas existências. Isto posto, a forma como os campos social e midiático estruturam a realidade pode ser considerada uma construção inconsciente das matrizes representacionais (SANTI, 2009, p. 35).

Patrick Charaudeau (2007, p.47) esclarece que essas representações fabricam discursos baseadas em observações empíricas das trocas sociais “produzindo-se um sistema de valores que erige em norma de referência”. Desse modo, Hall (1997) assenta que a representação é um processo pelo qual os membros de uma determinada sociedade utilizam a linguagem e o discurso para produzir sentido.

Essa definição tem a premissa de que as coisas não possuem significados em si próprias. Em outros termos, somos nós imersos em determinadas culturas e sociedades que fazemos as coisas terem sentido (HALL, 1997, p. 61).

A análise de discurso e as perguntas heurísticas

Utilizamos da Análise de Discurso (AD) – materialista ou francesa – enquanto instrumento metodológico com o propósito de compreender o lugar da cultura no processo de construção do texto. Conforme Souza (2014), é papel da Análise de Discurso evidenciar o processo de instituição de sentido através da língua. Esclarecer por qual motivo o sentido é um e não outro.

É na análise do texto – entendido como qualquer produção material que conceba interpretação (notícias, fotografias, vídeos, áudios, silêncios e etc.) – que buscamos, mediante os procedimentos metodológicos da AD, delimitar as formações discursivas e vinculá-las às formações ideológicas, para entender o lugar de fala do sujeito e dos sentidos nas produções textuais que acionamos (SOUZA, 2014).

Segundo a AD, todo sujeito de linguagem é ideológico, pois não existe língua sem ideologia. Logo, os sentidos (criados social e historicamente) surgem das Formações Ideológicas (FI). Uma FI reúne um grupo complexo e múltiplo de condutas e representações que estão relacionadas às concepções no mundo em conflito umas com as outras.

Conforme Souza (2014), as formações ideológicas representam os sentidos em sua condição primitiva, sendo a ideologia sua matéria prima. Como não é possível acessar a ideologia sem um sistema de signos que lhe atribua materialidade, ela precisa se organizar através da língua em Formações Discursivas (FDs).

As Formações Discursivas são, portanto, manifestações das Formações Ideológicas no discurso em uma circunstância de enunciação singular. Benetti (2007, p.112) explica que a FD “é uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido”. Ao se estruturar por meio das FDs, a FI define, através de um procedimento de seleção denominado Processo Discursivo, quais os sentidos são possíveis de serem enunciados e quais não.

Uma vez concluído o processo discursivo, o sujeito enuncia. O texto produzido do exercício enunciativo, a parte visível e material da linguagem, se torna a chamada Superfície Linguística do discurso (SOUZA, 2014). A partir dessa superfície visível da linguagem é que se pode começar a conjecturar os sentidos. Como diz Pêcheux (1988, p.16):

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta das classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Souza (2014) explica que os sujeitos possuem a ilusão de que produzem sentidos na enunciação, quando, na verdade, estes não possuem conhecimento e nem controle desse processo, sendo esta uma atividade realizada de forma inconsciente. Conforme o autor, o sujeito até esquece que esse processo existe, mas ele existe e acontece da seguinte forma: “[...] o sentido é produzido pela ideologia, a ideologia se organiza em discursos, os discursos determinam as palavras que serão ditas” (SOUZA, 2014, p. 25).

Nesta investigação, seguindo os postulados de Souza (2014), tentamos refazer esse caminho de forma inversa, buscando nos discursos publicizados pelo CIR em seu portal e nas chamadas “marcas textuais” – também aquilo que ficou fora da enunciação – para esclarecer o que falta nestes textos, o que eles podem significar no processo discursivo e quais as características do seu discurso. Assim conseguimos identificar qual FD integram e saber a FI que sustenta os seus sentidos.

Tais marcas textuais funcionaram como pontos de entrada para nossa análise e foram estabelecidas após uma leitura flutuante na qual buscamos as características principais dos textos a serem incluídos ou excluídos de nosso corpus de investigação. Começamos esse processo a partir da leitura flutuante da superfície linguística do discurso que representa a parte visível e material dos textos analisados. Souza (2014) acentua que quanto maior a habilidade teórica do pesquisador, melhores serão as possibilidades de reconhecimento dessas marcas.

De acordo com Souza (2014), a análise de discurso deve ser composta pela circunscrição do conceito-análise, assim como pela seleção, interpretação e análise do objeto de estudo por meio das perguntas heurísticas. Depois da leitura flutuante dos materiais para sua identificação, iniciamos o segundo momento de análise, com a delimitação do conceito-análise.

Em nossa pesquisa, o conceito-análise identificado se relaciona com o próprio objeto da investigação – o Covid-19. Com ele buscamos apurar como os textos de nosso corpus (entendidos como instrumentos teóricos do discurso) construíram sentidos acerca da pandemia.

Com a definição do conceito-análise, pode-se perceber no material quem tem algo a dizer sobre a temática, o que ajuda a identificar nos textos seus principais enunciadores. Nesta etapa, reunimos como corpus de estudo (por saturação e esgotamento) 15 textos sobre o novo coronavírus publicados no Portal do CIR no período de 21 de março a 21 de abril. Em seguida organizamos as publicações através de Sequências Discursivas (SDs) para evidenciar as marcas textuais que suportam as

Formações Discursivas (FDs) que são manifestações de determinadas perspectivas ou Formação Ideológica (FI) por meio do discurso.

Conforme recomenda Souza (2014), definimos tal corpus, as SDs, FDs e FI, em conjunto, no processo de descrição e análise dos materiais. As constituímos à medida em que movimentamos os materiais possíveis de serem incluídos/excluídos na pesquisa e, portanto, tais movimentações foram também parte do movimento de análise.

Depois da delimitação do corpus, iniciamos a atividade de decodificação e interpretação dos textos elegidos. Aqui uma segunda leitura dos materiais foi imprescindível para aprimorar nossa percepção acerca dos elementos catalogados e seus discursos. Junto com essa segunda leitura analítica, acionamos as três perguntas heurísticas de Souza (2014) – a saber: 1. Qual é o conceito-análise presente no texto? 2. Como o texto constrói o conceito-análise? 3. A que discurso pertence o conceito-análise da forma que o texto constrói? – com a pretensão de melhor esclarecer os sentidos presentes nos discursos dos textos selecionados.

Ressaltamos que a primeira pergunta encontrou sua resposta no primeiro momento de análise a partir da definição do conceito-análise. Com a segunda pergunta partimos em busca de um sentido para o conceito-análise durante o próprio movimento de interpretação do texto. Continuamos descrevendo e decodificando o corpus até saturar este sentido, depois passamos para a terceira pergunta. Com ela buscamos identificar o sentido construído no discurso para esclarecer o exercício da ideologia no processo de textualização (SOUZA, 2014).

Lembramos que a escolha dos textos analisados priorizou dar voz ao Conselho Indígena de Roraima, por ser o CIR a maior representação institucional dos Povos Indígenas do estado. É importante lembrar também que elencamos os textos do portal do CIR como campo de pesquisa, excluindo da análise materiais disponíveis em outros produtos de comunicação administrados pelo Conselho. Além disso, a escolha da página web se deu pelo fato de a informação oficial divulgada neste meio ser de mais fácil acesso, se comparada com os outros suportes.

Em relação ao período de análise, selecionamos como marco temporal textos publicados entre os dias 21 de março e 21 de abril (período correspondente há um mês a partir da confirmação dos dois primeiros casos do novo coronavírus em Roraima).

Nesse período, foram identificadas 15 publicações referentes ao novo Coronavírus no portal do CIR, destes apenas duas postagens foram selecionadas, sendo a primeira uma nota de pesar morte do jovem indígena Yanomami em decorrência do Covid-19 e a segunda uma nota de esclarecimento sobre o fechamento do acesso às

comunidades indígenas. Do material disponível no portal do CIR, escolhemos apenas o conteúdo informativo textualizado, originalmente escritos e publicados pelo CIR, excluindo fotografias, entrevistas, artigos de opinião e textos republicados de outras fontes.

Para questões de organização do processo de análise, seguiremos as recomendações de Benetti (2016), denominando de Sequência Discursiva (SD) os trechos recortados para análise e os utilizando nas respostas das perguntas heurísticas.

Os resultados e as tentativas de resposta

Lembramos que as (possíveis) respostas que prosseguimos com esta investigação estão pautadas pelos princípios da Etnocomunicação Indígena, a partir de Baniwa (2012) e Tupinambá (2016); pelos preceitos da Representação conforme Hall (2003) e Soares (2007); e pelos postulados da Análise de Discurso de Pêcheux (1997) e Souza (2014).

Ao acionarmos a Etnocomunicação Indígena, precisamos ter presente que, conforme Araújo e Santi (2019), ela está marcada pela etnicidade, pela territorialidade e pela necessidade de reconhecimento. Já ao acionarmos a Representação e a Representação Midiática devemos lembrar que, em acordo com Hall (2003) e Soares (2007), tratamos de processos de atribuição de sentido que fixam, confirmam ou normalizam determinados padrões, estereótipos ou construtos socioculturais. E, ao acionarmos a Teoria dos Discursos; precisamos ter em mente, segundo Hall (1997) e Charaudeau (2007), que as representações fabricam discursos os quais se utilizam da linguagem para produzir significações.

Com estes termos postos, passamos à análise do primeiro texto⁹ selecionado, que foi publicado no portal do CIR no dia 10 de abril de 2020, cerca de 20 dias após a confirmação dos dois primeiros casos de Covid-19 em Roraima e apenas um dia após o primeiro óbito de um indígena da etnia Yanomami confirmado no estado. A publicação tratava-se de uma nota de pesar e, em linhas gerais, lamentava a morte do jovem nativo de 15 anos.

Após a leitura flutuante do texto, optamos por descrever e explicitar que o sentido do conceito-análise definido a priori, "Covid-19", é notadamente construído pela matéria – isto foi o que justificou a sua inclusão no corpus de análise. Depois, utilizamos a pergunta heurística dois para identificar no texto suas marcas textuais sintáticas. Para

⁹ Nota de pesar. Disponível em: <<http://cir.org.br/2020/04/10/nota-de- pesar/>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

fins de organização, nomeamos como Sequências Discursiva (SDs) essas marcas textuais (SOUZA, 2014).

Em nossa leitura, as principais Sequências Discursivas tomadas do primeiro texto, que respondem à pergunta heurística dois foram as seguintes: “reafirmamos nosso compromisso de lutar por uma assistência de qualidade e eficiência” (SD01), “Continuaremos nossa trajetória de luta para que as comunidades indígenas de Roraima tenham uma saúde digna” (SD02) e “estamos juntos nessa luta pela vida e no combate ao coronavírus” (SD03).

Por meio do exercício interpretativo, estas marcas textuais nos levam a um determinado conceito de “Covid-19” percebido, através da SD01, como parte da estratégia de resistência e de um processo histórico de lutas e conquistas travados pelas lideranças tradicionais. Esse é um sentido que vai se tornando mais claro na SD02 e SD03, na qual o conceito-análise começa a assumir a forma de um movimento de luta por oportunidades políticas e garantia dos direitos constitucionais indígenas, essenciais na atual organização das comunidades do estado de Roraima.

Esses elementos demonstram claramente como os princípios da Etnocomunicação, elaborados por Araújo e Santi (2019) – etnicidade, territorialidade e reconhecimento – atuam de forma recíproca e interdependente nos produtos de mídia do CIR, o que se torna evidente quando o texto (mesmo uma nota de pesar) aciona o compromisso, as lutas, a trajetória e os combates historicamente experimentados pelas populações indígenas.

O segundo texto selecionado¹⁰ foi publicado no dia 16 de abril de 2020, 26 dias após a confirmação dos primeiros casos no Estado. A publicação teve como título “Lideranças da T.I RSS tornam pública nota de esclarecimento sobre as denúncias no bloqueio da comunidade Tabatinga”. O texto é uma nota de repúdio que esclarece os termos do fechamento dos acessos às comunidades indígenas de Roraima com a finalidade de se evitar a disseminação do novo coronavírus entre os nativos da região.

Em primeiro lugar, fizemos a leitura flutuante para reafirmar que o conceito-análise “Covid-19” é de fato abordado no material. Na sequência, utilizando a segunda pergunta heurística, nos indagamos sobre como o texto constrói o sentido do conceito-

¹⁰ Lideranças da T.I RSS tornam pública nota de esclarecimento sobre as denúncias no bloqueio da comunidade Tabatinga. Disponível em: <<http://cir.org.br/2020/04/16/liderancas-da-t-i-rss-torna-publico-a-nota-de-esclarecimento-sobre-as-denuncia-no-bloquei-na-comunidade-tabatinga/>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

análise (SOUZA, 2014). Isto é, dentre as várias definições possíveis pela polissemia característica da língua, como o Covid-19 é representado no texto.

Algumas marcas chamam a atenção, observemos: “as comunidades fazem monitoramento dos seus territórios tradicionais” (SD04), “porque até o momento o DSEI/Leste (Distrito Sanitário Especial Indígena) e o próprio município não estão preparados ou têm condições de atender” (SD05) e “A nossa vigilância não é clandestina e nem ilegal porque é um direito amparado pela Constituição Federal” (SD06).

Aqui ficam evidentes, além da agência simultânea dos princípios da Etnocomunicação identificados por Araújo e Santi (2019), os conflitos de representação (SANTI, 2009) convocados no texto (uma nota de repúdio) – os quais emergem através dos discursos manifestos, formatados pela representação (midiática) construída pelo portal do CIR acerca da questão (CHARAUDEAU, 2007). Aqui as ferramentas de mídia também atuam como concretização tecnológica das representações (SOARES, 2007); como encenações de natureza predefinida (HALL, 2003); e/ou como ferramentas para transpor perspectivas e padrões representacionais (SANTI, 2009).

Postas em relação parafrásica, as marcas discursivas selecionadas deixam evidente uma Formação Discursiva (FD) que apresenta o Covid-19 como um símbolo trágico diante da extrema vulnerabilidade na qual se encontram os povos indígenas frente às questões relacionadas a saúde. Além disso, tais marcas constroem sentidos e deixam evidente algumas das necessárias estratégias autonômicas de resistência levadas a cabo pelas populações indígenas do país, expondo os problemas sanitários crônicos que essas comunidades enfrentam desde sempre e reforçando a importância de luta pela garantia dos direitos já conquistados e por novos avanços nesses segmentos.

A partir das verificações das marcas textuais (SDs), da construção do conceito-análise dos textos interpretados e do delineamento da Formação Discursiva principal, podemos enfim perseguir Formação Ideológica (FI) acionada e as respostas referentes à terceira pergunta heurística para identificar a que discurso pertence o objeto discursivo da forma como o texto constrói (SOUZA, 2014).

Para tanto optamos por refazer a terceira pergunta heurística incluindo alguns elementos específicos relacionados com a temática estudada. Com esse rearranjo, podemos enunciá-la da seguinte forma: que discurso representa a pandemia de “Covid-19” como um símbolo da vulnerabilidade sanitária para as populações indígenas do Estado de Roraima e, concomitantemente, como um momento de luta por garantias e direitos constitucionais relacionados a saúde, a defesa e a autonomia de sua identidade e dos seus territórios?

Percebemos que a resposta para essa pergunta pode ser encontrada no entorno de uma Formação Ideológica que agrega o discurso das Determinantes Sociais da Saúde (DSS) e o discurso do Indigenato, ainda que estes possuam como fundo a questão étnica.

Mas qual seria o discurso das DSS? Conforme a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (2006), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais e étnicos/raciais que influenciam a saúde e os fatores de risco de uma população. De acordo com essa Comissão, tais fatores tratam principalmente das desigualdades decorrentes das condições sociais em que as pessoas vivem, expondo a maior risco de vulnerabilidade determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Um recente estudo da demógrafa Marta Azevedo et al. (2020) publicado pela Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep) considera as DSS na análise da vulnerabilidade das populações indígenas do país frente à pandemia do novo coronavírus. Conforme a pesquisa, os povos indígenas estão entre as populações com maior risco para o Covid-19 no país, devido à própria vulnerabilidade social e histórica a que estão submetidos. Entre os fatores que explicitam essas vulnerabilidades estão principalmente a precarização do sistema para atendimento à saúde indígena, a distância das comunidades indígenas dos centros com Unidade de Terapia Intensiva (UTI), a falta de saneamento básico, entre outros.

Já o discurso do Indigenato refere-se historicamente à reconfiguração dos territórios indígenas ainda pelo Direito Português, quando o Alvará Régio de 1º de Abril de 1680, confirmado pela Lei de 06 de julho de 1775, firmou o princípio de que os povos indígenas são os senhores originais de suas terras, sendo sempre reservado o seu direito a elas (QUEIROZ, 2013).

Conforme Mendes Júnior (1912), a argumentação do Direito Indigenato decorre do fato de os nativos serem os primeiros habitantes constituindo-se em um direito congênito. Ou seja, um direito originário dos povos indígenas ao seu território tradicionalmente ocupado e anterior à criação do Estado brasileiro, sobrepondo-se, portanto, a todos os outros títulos de propriedade.

O discurso do Indigenato é responsável por oferecer os parâmetros para o que mais tarde terminaria por consolidar-se na Constituição Federal de 1988, que dedicou um capítulo sobre as terras indígenas tradicionalmente ocupadas pelos nativos. Reconhecendo o direito à terra como congênito e específico do sujeito membro daquela comunidade.

De acordo com Silva (2014), o Indigenato é de fato operacionalizado por meio da concepção de posse permanente, não sendo esta regulada pelo direito civil, sendo

assim declaratória e uma garantia para o futuro. Dessa forma, compete à União proceder com a demarcação, conforme estabelecido pelo Artigo 67 do Ato das Disposições Transitórias da nossa Carta Magna.

Outro fator importante acerca do discurso Indigenato é que, conforme a Constituição, a terra indígena é definida pela ocupação e não pela demarcação. Desta maneira, a União precisa usar parâmetros antropológicos para o reconhecimento, como os critérios de organização de uma comunidade, suas práticas, costumes e etnia.

A questão do reconhecimento étnico entra, desta forma, como base do discurso Indigenato pois, além de ser utilizada como forma de organização sócio-política pelos grupos para o qual é relevante, também é utilizada para a conquista e reivindicação de oportunidades políticas coletivas garantidas a grupos étnicos pela legislação (BARTOLOMÉ, 2006).

Os discursos das Determinantes Sociais da Saúde (DSS) e do Indigenato, responsáveis por determinar as representações do "Covid-19" realizadas pelo portal do CIR, integram uma Formação Ideológica que tem como princípio, primeiro, a circunstância de os grupos étnicos estarem mais vulneráveis frente às questões relacionadas a saúde e, segundo, o princípio de serem habitantes originários da terra, determinando o predomínio desse direito a seus descendentes para sua continuidade como povos com relações étnicas identitárias pré-colombianas.

Considerações finais

No dia 9 de abril, o Covid-19 fez sua primeira vítima indígena em Roraima. Tratava-se um adolescente Yanomami de 15 anos, morador de uma comunidade na região polo da base do rio Uraricoera, área invadida por garimpeiros (possível vetor de transmissão da doença) no município de Alto Alegre, localizado ao Norte do Estado¹¹. O jovem, no entanto, não foi vítima apenas da doença, mas também de um sistema de saúde ineficaz que, somente após muita insistência, consecutivas hospitalizações e uma internação na UTI, resolveu fazer o teste para a doença.

Contudo, já era tarde, Alvaneí Xirixana estava em estado crítico e faleceu vítima da invasão do seu território, do desrespeito à sua identidade e da ausência e ineficiência dos serviços públicos locais.

¹¹ Ministério da Saúde registra primeiro caso de Covid-19 em Yanomami (AMAZÔNIA REAL, 2020). Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/ministerio-da-saude-registra-primeiro-caso-de-covid-19-em-yanomami/?>>. Acesso em: 20 abril de 2020.

No decorrer deste estudo, buscamos entender as práticas etnomidiáticas levadas a cabo pelo Portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR) como um espaço de luta e resistência frente a pandemia do Covid-19. Nesse sentido, demonstramos na pesquisa a essencialidade de se pensar a relação das comunidades indígenas com a comunicação midiática e o papel representativo da etnomídia na construção de discursos.

Isto posto, atestamos que o portal do CIR se estabelece nesse campo utilizando os princípios da Etnocomunicação Indígena na busca por novos regimes de visibilidade, conjugando aspirações ético-filosóficas, geográfico-territoriais e etno-políticas. Para tanto, os povos indígenas se apropriam das ferramentas midiáticas para evidenciar a existência de discursos étnicos outros, mesmo se utilizando da forma de visibilização instituída pelo campo da mídia. Essa é a ferramenta mais a mão.

Deste modo, através da Análise de Discurso, podemos compreender de fato como ocorre essa apropriação e quais suas lógicas de organização interna dos discursos e suas intenções. A partir disso, entendemos que o CIR utiliza das ferramentas midiáticas para estabelecer no seu portal uma comunicação que demonstra sua funcionalidade enquanto dispositivo de contato e mobilização das diversas etnias e comunidades da região. Além disso, essa expressão de comunicação também é responsável por dar voz e apresentar representações próprias do Movimento dos Povos Indígenas – representações estas que partem dos próprios sujeitos representados para fabricar seus discursos (CHARAUDEAU, 2007).

Em síntese, o que fica de mais importante da presente pesquisa é a percepção de que no cenário de conflito representacional e discursivo (SANTI, 2009), as práticas etnomidiáticas executadas pelo CIR afloram e se fortalecem a partir de um contexto histórico marcado pela luta e resistência encontrando-se geograficamente localizadas e ideologicamente orientadas (ARAÚJO e SANTI, 2019).

Desta forma, não podemos deixar de salientar que, na demanda por novos dispositivos de representação, os discursos midiáticos do CIR relacionam o contexto sociocultural específico dos nativos e suas pretensões políticas em um arranjo comunicacional específico que utiliza a etnicidade como elemento indispensável para a solidariedade entre os grupos em luta e que possuam uma causa em comum – marcada, nesse caso, pela conquista de direitos básicos a existência, a sobrevivência, a demarcação e a homologação das terras indígenas.

Referências

- ARAÚJO, Bryan; SANTI, Vilso. Comunicar para mobilizar: as práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, junho.2019.
- AZEVEDO, Marta et al. Análise de Vulnerabilidade Demográfica e Infraestrutural das Terras Indígenas à Covid-19. Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep). Abril de 2020. Disponível em: <<https://www.abep.org.br/site/index.php/demografia-e-covid-19/1635-analise-de-vulnerabilidade-demografica-e-infraestrutural-das-terras-indigenas-a-covid-19-caderno-de-insumos/>>. Acesso em: 20 abril. 2020.
- BAPTAGLIN, L. A., & CHIERENTIN SANTI, V. J. (2018). As intervenções artísticas urbanas no circuito da arte em Roraima e o potencial comunicativo dos saberes artísticos amazônicos. *Revista Observatório*, 4(4), 615-637. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p615>
- BAPTAGLIN, L. A., & SANTI, V. J. (2020). Aprendizagem da docência: um olhar para a formação docente dos professores do campo da Comunicação na UFRR. *Revista Observatório*, 6(1), a2pt. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2020v6n1a2pt>
- BAPTAGLIN, L. A., & SANTI, V. J. (2020). Learning of teaching: A look at teacher education of the Communication professors in the UFRR. *Revista Observatório*, 6(1), a2en. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2020v6n1a2en>
- BARBOSA, M. L. S., & SANTI, V. J. (2019). A intencionalidade nas notícias falsas: a nota de repúdio como estratégia de defesa do jornalismo na era das fakes news. *Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 3(3), 93-109. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/8191>
- BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. Tradução de Sergio Paulo Benevides. Mana: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 12, 2006.
- BENETTI, Márcia & LAGO, Cláudia & (Orgs.). Metodologia da pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- COMISSÃO NACIONAL SOBRE OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (CNDSS). Carta aberta aos candidatos à Presidência da República. Setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.determinantes.fiocruz.br>>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- de Almeida, T. A., & Santi, V. J. (2018). Somos migrantes: o uso das redes sociais na produção midiática alternativa sobre a migração venezuelana em Roraima. *Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 2(1), 136-156. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4627>
- EURICH, Grazieli. Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade. Mídia Cidadã. VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e I Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, agosto, 2010. Pato Branco/PR.
- FAUSTO NETO, Antonio. Mídiação, prática social, prática de sentido. Paper. Bogotá: Seminário Mídiação, 2006.
- FÉLIX, J. de S., & SANTI, V. J. (2018). O uso da mídia televisiva por grupos e instituições religiosas no Brasil: uma análise da atuação da IURD na Rede Record. *Aturá - Revista Pan-*

- Amazônica De Comunicação*, 2(2), 245-260. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/5195>
- Félix, J. de S., & Santi, V. J. (2020). A cobertura jornalística da aids/hiv no jornal folha de boa vista entre os anos de 1993 e 2001. *Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 4(1), 248-266. <https://doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n1p248>
- HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) Representation – Cultural representation and cultural signifying practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/ New Delhi, 1997.
- MENDES JÚNIOR, João. Os Índigenas do Brazil seus Direitos Individuais e Políticos, SP, Typ. Hennies Irmãos, 1912.
- OLIVEIRA, Cristina Nascimento. O Etnodesenvolvimento como uma perspectiva para o Etnojornalismo. Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – NUHSA, - V 1, N.3: Editora UFRR; outubro, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou acontecimento. São Paulo: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PERUZZO, Cicilia. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2006.
- QUEIROZ, Paulo Eduardo Cirino de. A Constituição da Teoria do Indigenato: do Brasil colonial à constituição republicana de 1988. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,a-construcao-da-teoria-do-indigenato-do-brasil-colonial-a-constituicao-republicana-de-1988,43728.html>>. Acesso em: 12 março de 2019.
- SANTI, Vilso. As representações no circuito das notícias: o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no jornal Zero-Hora. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. RS, 2009.
- Santos, L. C. C., & Santi, V. J. (2017). Relações sincrônicas e diacrônicas na prática jornalística: do período industrial ao pós-industrial. *Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 1(3), 62-86. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4613>
- SILVA, José. Curso de Direito Constitucional Positivo. 37ª ed. rev. e atual. até a Emenda Constitucional nº 76, de 28.11.2013. São Paulo: Malheiros, 2014.
- SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: uma relação em crise. Revista Líbero, vol. 10, n. 20, 2007, pg. 47-56.
- SOUZA, Sérgio Freire. Análise de Discurso: procedimentos metodológicos. São Paulo: Instituto Census, 2014.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. Revista Diálogos de la Comunicación, Lima, 1997.

ABSTRACT

This research reflects on the ethnomedia practices carried out by the Indigenous Council of Roraima's (CIR) web portal during the Covid-19 pandemic, aiming to understand how the organization constructs meanings about the disease. To this end, we first identified the principles of Indigenous Ethnocommunication, based on Baniwa (2012) and Tupinambá (2016), and then employed the concepts of Representation by Hall (2003) and Soares (2007) and Discourse Analysis by Pêcheux (1997) and Souza (2014) to examine the corpus of study, which consists of 15 textual publications on Covid-19, made by the CIR between March 21 and April 21, 2020.

KEYWORDS: Ethnocommunication; Indigenous Ethnomedia; Indigenous Council of Roraima; Media representations; Covid-19.

RESUMEN

Esta investigación reflexiona sobre las prácticas etnomediáticas llevadas a cabo por el portal del Consejo Indígena de Roraima (CIR) durante la pandemia de Covid-19, para comprender cómo la organización construye significados sobre la enfermedad. Para esto, primero identificamos los principios de la Etnocomunicación Indígena, comenzando con Baniwa (2012) y Tupinambá (2016), y luego empleamos la conceptualización de la Representación con Hall (2003) y Soares (2007) y el Análisis del Discurso de Pêcheux (1997) y Souza (2014) para examinar el corpus de estudio, que contó con 15 publicaciones textuales sobre Covid-19, realizadas por el CIR entre el 21 de marzo y el 21 de abril de 2020.

PALABRAS CLAVE:

Etnocomunicación; Etnomedia indígena; Consejo Indígena de Roraima; Representaciones mediáticas; Covid-19.